

NO CADERNO

- Faça um resumo (em tópicos) das características principais do gênero entrevista – pág. 1
- Responda às questões de forma completa.

O GÊNERO ENTREVISTA E AS MODALIDADES ORAL E ESCRITA DA LÍNGUA PORTUGUESA

Existem diferentes tipos de entrevista, entre as quais a entrevista de emprego, a entrevista médica, a entrevista jornalística etc. Basicamente um gênero da modalidade oral, a entrevista pressupõe uma interação entre duas pessoas, cada uma com um papel específico: o entrevistador, o responsável pelas perguntas, e o entrevistado, responsável pelas respostas.

Entre os tipos de entrevista, o que costuma despertar maior interesse público é a entrevista jornalística, difundida pelos meios de comunicação orais e escritos, como jornal falado na tevê, o rádio, o jornal escrito, a revista e a internet. Antes de ser publicada em jornais e revistas, a entrevista geralmente é feita de forma oral para ser escrita. Na passagem da linguagem oral para escrita, quase sempre são realizadas modificações nas suas falas originais. A manutenção de algumas marcas de oralidade e informalidade na linguagem permanecem, às vezes, para conferir naturalidade à entrevista. Dentre algumas modificações que são feitas durante a edição, tem-se a eliminação de gírias, repetições, pausas e palavras e expressões como *né?*, *tá ligado?* *então...*etc.

(Adaptado – CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Texto e interação*. São Paulo: Atual, 2013)

ENTREVISTADOR



O papel do entrevistador não é apenas fazer perguntas e ceder espaços para o entrevistado respondê-las. Antes disso, cabe ao entrevistador preparar-se para tal evento. Essa preparação ocorre com um estudo / uma pesquisa para conhecer previamente o entrevistado, o que já foi publicado sobre ele, o assunto a ser abordado na entrevista, para que seja possível, assim, a elaboração de um roteiro de perguntas que servirá para estruturar a entrevista. É fundamental que no momento da entrevista



o entrevistador aproveite os “ganchos” da conversa/respostas do entrevistado, ou seja, realize apontamentos, afirmações e encadeie as por meio deles demais perguntas (previstas ou não no roteiro). Dessa forma, o entrevistador tornará a entrevista mais dinâmica.

ESTRUTURA/COMPOSIÇÃO DO GÊNERO ENTREVISTA

1. Título – Geralmente, contém o nome, o tema e/ou uma frase de efeito para despertar o interesse do leitor
2. Apresentação – Texto introdutório que apresenta o entrevistado, divulgando informações sobre ele, sobre o assunto a ser debatido e sobre os principais pontos da entrevista. (geralmente acompanha o texto de apresentação uma foto do entrevistado)
3. Perguntas e respostas – Para não haver confusão entre as vozes do entrevistador e entrevistado, é comum os veículos de comunicação identificarem os interlocutores inserindo o nome (do entrevistador) antes da pergunta e o nome (do entrevistado) antes da resposta. Outro recurso, nas perguntas, é destaque em negrito delas.

Leia este trecho de uma entrevista concedida pela *youtuber* Jout Jout a uma revista.

Jout Jout, BFF da geral



Felipe Gabriel/Folhapress

Júlia Tolezano, a Jout Jout.

De pijama, de toalha ou com a louça por lavar aparecendo ali atrás, **Júlia Tolezano** entra semanalmente na vida de mais de 750 mil seguidores. Com intimidade, vai versando sobre angústias e aflições que todo mundo tem. Sua capacidade de abordar com leveza até os assuntos mais cabeludos a transformou na melhor amiga de muita gente e em uma influenciadora digital de alto calibre. A seguir, o que há por trás do jeitinho **Jout Jout** de ser.

[...]

Tpm. Você sempre teve este jeitinho Jout Jout de ser? Desde pequena?

Júlia Tolezano. Eu sempre fui assim do jeito que sou hoje. Digamos que eu não era oradora de turma, mas era o tipo legal de passar o recreio junto. As pessoas sempre me encontram na rua e falam: “Meu Deus, é igual nos vídeos!”. Ficam surpresas porque todo mundo acha que tem um personagem. Nem sempre é assim. Aquela sou eu.

Por que era legal passar o recreio com você? Eu era muito legal, então todo mundo era meu amigo. Soa arrogante isso “eu era muito legal”, né? A gente não tá acostumado a falar bem da gente mesmo. Fica achando que é ruim, mas é bom gostar de si. Eu era a melhor amiga de todo mundo. Os meninos não queriam ser meus namorados, mas queriam ser meus amigos [risos]. Eu era meio esquisitinha.

Esquisitinha como? Quando entrei na puberdade, meu queixo parou de crescer e meu cabelo virou uma coisa sem definição, aí comecei a alisar, que foi a pior ideia que tive na minha vida. Pra piorar, amarrava sempre num rabo baixo simplesmente horrível, péssimo. Sério, eu não me ajudava nunca. Mas eu era divertida, engraçadinha, e as pessoas gostavam de mim. Só que vivia pra pensar: “Quero um namorado. Todo mundo namora menos eu”. Meu foco era nisso... [..]

BOCK, Lia. *TPM*, São Paulo, 13 abr. 2016.

1. A primeira pergunta do entrevistador imprime um tom coloquial à conversa. Que expressão estabelece essa coloquialidade?

2. Observe estes trechos e respostas da Jout Jout:

- “[...] eu era legal de passar o recreio junto.”
- “A gente não tá acostumado a falar bem da gente mesmo”
- “Era meio esquisitinha”
- “Só que vivia pra pensar [...]”

Que marcas de oralidade há nesses trechos?

3. A presença de marcas de oralidade torna o texto mais formal ou informal?

4. Identifique e transcreva uma pergunta que tenha sido um “gancho” no entrevistador.

5. Releia o texto introdutório da entrevista. A linguagem utilizada pelo entrevistador tem o mesmo grau de formalidade que usada pela entrevistada? Justifique sua resposta.

6. A entrevista foi publicada em uma revista que se destina ao público feminino jovem. Em sua opinião a linguagem utilizada no texto introdutório atende às expectativas do público-alvo?

SOBRE OS NÍVEIS DE LINGUAGEM (FORMAL E INFORMAL/COLOQUIAL)

- Os textos formais são os que empregam a norma-culta.
- Os textos informais/coloquiais são os que apresentam marcas de oralidade gírias, abreviações e repetições de palavras.

Leia, a seguir, uma entrevista com *rapper* Emicida.

“O racismo é a minha luta para a vida”, diz Emicida;

AMANDA NOGUEIRA
DE SÃO PAULO

Com novo disco, lançado no início de agosto, o rapper Emicida reacendeu o debate sobre o racismo, que considera ser sua "luta para a vida" e "o maior problema do Brasil hoje em dia".

"Sobre Crianças, Quadris, Pesadelos e Lições de Casa" inclui faixas que abordam questões sociais levadas ao extremo, como "Boa Esperança", cujo clipe apresenta um cenário de guerra civil, quando empregados de uma mansão rebelam-se após serem humilhados no trabalho.

Ainda que transmitam mensagens vorazes em uma tentativa de confronto à injustiça social, as canções do álbum possuem melodia lúdica e alto astral, como em "Passarinhos", gravada em parceria com a cantora Vanessa da Mata.

Algumas faixas foram gravadas durante viagem a Cabo Verde e Angola e contam com arranjos de músicos locais; outras, com parceria de artistas como Caetano Veloso, que participa de "Baiana". [...]

Por que decidiu conhecer Cabo Verde e Angola e qual sua lembrança mais marcante dessa viagem?

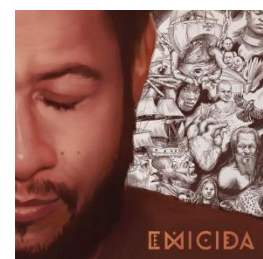
Essa já era uma vontade antiga. Eu sempre li sobre a África, sempre me interessei em entendê-la sob vários aspectos, a música, a história, a crueldade das pessoas sendo escravizadas no Brasil, é a minha ancestralidade. Com o tempo, o rumo que a minha carreira foi tomando, isso foi ficando mais latente e ao mesmo tempo se tornando uma possibilidade mais próxima de ser real do que apenas um sonho, sabe. A oportunidade surgiu com o patrocínio da Natura, então lá fomos nós. Estes países foram escolhidos propositalmente por serem de língua portuguesa e este ano comemoram 40 anos de independência. O título do disco é a melhor síntese, creio eu, das minhas lembranças mais marcantes. Foi encantador ver o modo simples de vida daquele povo em meio a todas as limitações que a vida impõe. Crianças sorridentes, quadris dançando sem que aquilo seja uma ofensa, seja criminalizado. Eu me lembro de ir à casa de uma senhora em Cabo Verde e ela me pedir desculpas porque as flores não haviam surgido ainda naquele período e a paisagem não estava tão bonita. Essa é uma lembrança marcante, que vem à tona quando essa pergunta me é feita.

Li que o nome da música "Boa Esperança" veio do livro "A Rainha Ginga", de José Eduardo Agualusa. Poderia me contar como foi isso?

É o nome de um navio negreiro que veio para o Brasil. Os navios negreiros que chegavam aqui tinham todos nomes bonitos, de coisas boas. Isso de uma coisa que era sinônimo de horror ter um nome bonito, até poético, ficou na minha cabeça. Muito da literatura africana me inspirou. Me vem à mente também o "As Aventuras de Ngunga", do Pepetela. A história é um soco no estômago, de um menino angolano, um soldado ainda jovem. Como eu vinha pesquisando sobre isso há anos, sem nem imaginar que faria essa viagem, e que ela se desdobraria em um disco, acho que muita coisa me inspirou até de forma indireta. A literatura africana é riquíssima, mas nem tudo chega aqui. Só que eu fui descobrindo muita coisa durante as minhas turnês pela Europa, em Portugal, por exemplo, é fácil achar muita coisa. Qualquer conexão em Lisboa já é suficiente pra eu perder horas em uma livraria (risos).

O disco aborda a questão do racismo de uma forma bem direta e você chegou a declarar que essa é a questão primordial para você. Acredita que o seu trabalho tem poder de mudança no cenário que vivemos?

Primordial para mim e o maior problema do Brasil hoje em dia. É o pano de fundo, nunca admitido, das razões para a desigualdade, para a discriminação. Seria



maravilhoso que meu trabalho por si só tivesse o poder de mudar esse cenário em que vivemos, mas não acho que eu sozinho possa reverter algo que está impregnado no cotidiano do país desde a chegada dos escravos. O que eu não posso deixar de fazer é de apontar para isso, é de lembrar que, sim, somos um país muito racista.

Ao mesmo tempo é um disco com uma sonoridade lúdica e canções alegres. Por que essa combinação ao tratar do assunto?

Porque a música africana é isso, eu trouxe instrumentistas africanos, eu trouxe ritmos africanos, e não acho que tudo precise soar como "Boa Esperança" para que eu consiga transmitir a mensagem que desejo, digo no sentido da letra e do instrumental. Não é preciso muita reflexão para sacar que "Passarinhos" traz ali uma questão social. Eu não faço essa reflexão do "por que não fazer essa combinação" porque não sei onde está escrito que é proibido, que não se pode fazer. Eu bato na tecla da liberdade da minha arte, sabe. Não estou tratando com desdém dessa questão tão lamentável quando dou a ela uma roupagem como a de "Passarinhos". Só estou chamando a atenção para ela de uma forma diferente da que fiz em "Boa Esperança".

Você pretende continuar abordando este tema nos próximos trabalhos?

O racismo é a minha luta para a vida, acredito eu, para que minha filha não precise crescer em um ambiente como o que eu cresci e infelizmente eu nem acho que isso seja possível, talvez para os filhos dela apenas. Então acredito que sim, eu estarei às voltas com isso por toda a minha vida, não é uma escolha. Possivelmente nas minhas músicas também.

Você acha que o rap virou moda ou já o enxerga como um gênero consolidado na música popular brasileira? Como fortalecê-lo ainda mais?

O que vai fortalecê-lo é a consistência das obras. Desde que eu era adolescente o rap esteve na minha vida, Racionais sempre foi aula de história. São 25 anos de história, formando gerações, inspirando possivelmente todos os MCs que hoje vemos aí fazendo sucesso. Não é uma história mais do que consolidada na música brasileira? Para mim sempre foi. Talvez tenha virado moda para determinada parcela que sempre teve preconceito com o gênero, que não conhecia. Uma outra parte do público gosta de alguns grupos, mas não conhece a história do gênero, o que acho natural também, embora fosse melhor se essas pessoas tivessem o desejo de se aprofundar.

<https://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2015/08/1669076-o-racismo-e-a-minha-luta-para-a-vida-diz-emicida-leia-entrevista-na-integra.shtml>

1. Observe que, antes da entrevista propriamente dita, há um título e uma introdução.
 - a) Qual estratégia foi utilizada para construção do título?
 - b) Qual a finalidade do texto de apresentação?
2. Normalmente, quando uma pessoa entrevistada há um interesse sobre algo que ela tenha a dizer. No caso do Emicida, que já é conhecido pelo público, o que (qual fato) motivou o jornalista entrevistá-lo?
3. De acordo com a entrevista:
 - a) O que levou Emicida a querer conhecer os países Africanos como Angola e Cabo Verde?
 - b) Em que essa viagem influenciou o trabalho do rapper – disco *Sobre crianças, quadris, pesadelos e lições de casa?*

4. A terceira pergunta introduz um dos assuntos principais abordados na entrevista: racismo no Brasil.
- a) Emicida acredita que sua arte possa transformar a realidade em relação ao problema do racismo? Por quê?

Considere a afirmação do rapper.

O que eu não posso deixar de fazer é apontar para isso, é lembrar que, sim, somos um país racista.

- b) Com base nessa afirmação deduza: Qual o papel da arte e do artista na opinião do músico?
5. Antes de realizar uma entrevista, o jornalista deve se preparar, procurando acolher informações sobre a vida, a obra ou as ideias do entrevistado e, além disso, deve montar um roteiro básico de perguntas.
- a) A entrevistadora se preparou para entrevistar Emicida, ou seja, ela mostrou conhecimento sobre o entrevistado e o tema abordado? Justifique sua resposta.
- b) Em uma entrevista em que o entrevistador e o entrevistado falam ao vivo, como se estivesse conversando, o entrevistador pode, a partir de uma resposta, improvisar e fazer uma nova pergunta. Você acha que na entrevista lida foram feitas perguntas de improviso? Justifique sua resposta.